

ENTREVISTA: LUÍS CUNHA

Investigador do Instituto do Oriente (ISCSP) e autor de "China: Cooperação e Conflito na Questão de Taiwan"

Cimeira Xi-Ma de hoje é histórica e pode ser passo para a aproximação política entre a China e Taiwan, separadas desde o fim da guerra civil em 1949. E o momento em que ocorre tem muito que ver com a proximidade das eleições taiwanesas, onde o campo hostil a Pequim é o favorito

"Líder que conseguir reunificação com Taiwan será herói como Mao"

LEONÍDIO PAULO FERREIRA

Estaros em vésperas de eleições em Taiwan, com as sondagens a prever a vitória do partido hostil a Pequim, é a grande justificação para esta cimeira inédita Xi-Ma?

A cimeira Xi Jinping-Ma Ying-jeou surpreende pelo *timing*. É difícil dissociá-la do período eleitoral que se vive em Taiwan. Num manobra urgente, o Kuomintang (KMT) foi obrigado a substituir a sua candidata à presidência para combater a enorme vantagem que a rival do Partido Democrático Progressista (DPP) tem nas sondagens. Nesse contexto, Pequim vê com preocupação a possibilidade de uma força independentista reassumir o poder em Taiwan. O presidente da China arrisca-se a não ter outro interlocutor da família política de Ma até ao final dos seus mandatos em 2023. A confirmar-se uma derrota esmagadora do KMT, em janeiro de 2016, o partido que dominou a ilha desde 1949 corre o risco de passar à irrelevância. Esse é um cenário desfavorável a Pequim, pois o KMT – pró reunificação – é o

interlocutor privilegiado do PCC. Foi com o KMT de Chiang Kai-shek que o PCC travou a guerra civil. A assinatura de um acordo de paz pode ser um passo no sentido da reaproximação política. Pequim estará a jogar na prevenção de um cenário que lhe seja hostil a partir do próximo ano, mas os efeitos podem ser contraproducentes. Foi, recorde-se, o que aconteceu em 1995 quando tentou influenciar o desfecho das presidenciais, ao disparar mísseis no estreito de Taiwan. Os EUA foram obrigados a enviar a sétima esquadra para resfriar a tensão. Então, como agora, a maioria da população em Taiwan manifesta-se a favor do *statu quo* – nem independência nem reunificação. Ma, que como líder do KMT levou a normalização com a China continental a níveis impensáveis anos antes, arrisca muito nesta cimeira a meses da sua partida?

Há agora cerca de 900 voos semanais entre a China e Taiwan, mas essa aproximação não conduziu a um entendimento político entre os

dois governos. Na conferência de imprensa que deu para justificar o encontro, Ma falou no reconhecimento de Taiwan, mas é bom recordar que Pequim tem vindo a isolar a ilha no plano diplomático à luz da política de "uma só China". Apenas 21 países reconhecem o governo em Taiwan. Esta cimeira reveste-se de uma enorme carga histórica e política. Se Ma não tiver tato político a gerir este encontro poderá estar a fornecer argumentos ao DPP. Os protestos em Taiwan já desceram à rua. A aproximação económica entre os dois lados do estreito de Taiwan conheceu um incremento exponencial no consulado de Ma e está consolidada. O tecido empresarial de Taiwan transferiu-se em peso para a China graças às facilidades concedidas por Pequim. Mas isso fez que o governo em Taipé tenha ficado refém do empresariado da ilha. É por exemplo em Shenzhen, no Sul da China, que a taiwanesa Foxconn, maior fabricante mundial de componentes eletrónicos e de computadores, produz os iPhones e outros produtos da Apple. O *made in Taiwan* desapareceu

“

Fórmula 'um país, dois sistemas', foi gizada a pensar em Taiwan

praticamente das superfícies comerciais. São agora as questões políticas que estão em jogo. Este encontro pode ser um verdadeiro *game changer*.

Para Xi, é um passo para o sonho de reunificação sob a ideia de um país, dois sistemas, com Taiwan a imitar Hong Kong e Macau?

Este é um grande salto em frente. Xi tem vindo a revelar-se um líder forte e pró-ativo. A imagem de Xi sairá reforçada deste encontro. É um passo ousado mas inteligente do ponto de vista estratégico. A fórmula de Deng Xiaoping, "um país, dois sistemas", foi gizada a pensar em Taiwan. A reunificação – unificação na versão de Pequim – é um designio sagrado para a elite política chinesa. Está consagrado na Constituição e suscita um sentimento nacionalista indiscutível em quase todos os chineses. O líder que conseguir a reunificação com Taiwan será um herói nacional só comparável a Mao Tsé-tung. No centenário da fundação do PCC (2021), Xi será ainda o líder máxi-

mo da China e uma possível reunificação com Taiwan, até essa data, seria um feito incomensurável para ele e para o Partido-Estado. De resto, a relação entre os dois lados é cada vez mais assimétrica. A China nunca esteve tão forte e a posição de Taiwan nunca foi tão frágil. O poderio militar de Pequim cresce exponencialmente, fazendo que Taiwan tenha vindo a perder capacidade para responder a uma possível invasão. Recorde-se que a China tem 1500 mísseis apontados a Taiwan e que nunca renunciou ao uso da força para resolver a reunificação. A lei antissecessão em vigor na China é cristalina.

A América, garante de Taiwan, vê com bons olhos esta cimeira?

Os EUA têm sido de facto o garante do *statu quo* em Taiwan. É também graças ao Taiwan Relations Act que Washington está comprometida com a defesa da ilha. A questão de Taiwan tem vivido à sombra da triangulação China-EUA-Taiwan. Ao estabelecer-se uma comunicação direta ao mais alto nível China-Taiwan, o vértice americano poderá estar em causa. Nessa medida, a Administração americana acompanhará de perto o momento histórico que se vive.

Taiwan, com o seu desenvolvimento e uma democracia consolidada, mostra o caminho da China ou o que resultou na ilha não vale para 1400 milhões?

Embora a China seja a segunda economia mundial, Taiwan desfruta de um rendimento *per capita* muito superior, até em virtude de ter apenas 23 milhões de habitantes. Depois da fuga para Taiwan, os nacionalistas instalaram uma ditadura na ilha, mas acabaram por abrir o caminho para a democracia. Foi um processo lento e difícil, mas hoje o sistema democrático em Taiwan está consolidado. Não é crível que Pequim venha a inspirar-se em Taiwan para reformar o seu sistema político. O PCC não advoga o sistema das democracias parlamentares. Em sentido oposto, Pequim tenta atrair Taiwan para a reunificação oferecendo um alto grau de autonomia, que incluiria a preservação das forças armadas e a inclusão de alguns ministros de Taiwan no governo central. As novas gerações em Taiwan já não se identificam com os *mainlanders* (a população que fugiu do continente para a ilha em 1949), que admitiam a reunificação desde que o regime chinês aceitasse a democratização. **Num exercício de pura especulação histórica, como veriam Mao e Chiang esta cimeira?**

Em agosto de 1945, Mao visitou Chiang em Chongqing. Também esse foi um encontro histórico entre dois líderes que não se avistavam pessoalmente há duas décadas. Em vez do entendimento desejável, do encontro resultou a guerra civil na China. A passagem do tempo acabou por aproximar o PCC e o KMT, uma espécie de irmãos separados à nascença e que chegaram a formar frentes unidas na China nacionalista. Os dois partidos têm ADN em comum, o que facilita a comunicação, como se prova com o encontro Xi-Ma. Ambos veneram a memória de Sun Yat Sen, pai fundador da China moderna que é mencionado nas constituições da China e Taiwan. Em novembro de 1973, Mao terá dito ao seu interlocutor americano, Henry Kissinger, que o governo chinês podia esperar 100 anos até ao retorno de «a tutela da China continental. Xi não querera esperar mais 58 anos. A proverbial paciência chinesa pode afinal não ser infinita.

PERFIL



» Luís Cunha tem 53 anos
» Licenciado em Comunicação Social, é doutorado também em Relações Internacionais
» Investigador do Instituto do Oriente (do ISCSP, Universidade de Lisboa), Luís Cunha é autor de vários livros sobre a China, como *China: Cooperação e Conflito na Questão de Taiwan* (2008) e *A Hora da Dragão – Política Externa da China* (2012). Já este ano publicou o livro *China na Grande Guerra*.